

Gonçalves Dias, O Patrono da Raça Negra

JOSUÉ MONTELLO

Já é tempo de reclamar-se para Gonçalves Dias uma posição de destaque na literatura da Abolição. De modo sistemático seu nome é omitido sempre que se recordam as altas vozes que se pronunciaram contra o cativo em nosso país. E a verdade é que poucos escritores foram tão veementes quanto ele nessa condenação, precisamente num período em que a escravidão negra parecia aceita pela elite literária e política do Brasil.

Foi em Caxias, no Maranhão, de volta de Coimbra, que o poeta maranhense transferiu para o papel a sua indignação de escritor contra a sujeição dos negros. No ano seguinte, ou seja, em 1846, Gonçalves Dias se mudou para o Rio de Janeiro.

No mesmo ano de sua chegada à Corte, lança ele os seus *Primeiros Cantos*. Dois anos depois, os *Segundos Cantos*.

Desde o seu livro de estréia, o jovem maransense, foi aclamado como o mais importante poeta brasileiro de seu tempo, e esse reconhecimento lhe adveio sobretudo depois que Alexandre Herculano, em Portugal, lhe assinalou os altos merecimentos.

Em 1849, juntamente com Manuel de Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, lança Gonçalves Dias, no Rio de Janeiro, uma publicação mensal, *Guanabara*, revista literária, científica e artística.

O moço desconhecido, que chegara à Corte três anos antes, já tinha um nome, uma obra, e uma reputação. Disputa, assim, de uma autoridade pessoal. E é na nova revista que ele publica, usando o estilo bíblico, o trabalho que escrevera em Caxias contra a cativo.

Só na poesia de Castro Alves iremos encontrar, duas décadas depois, um acento análogo sobre o mesmo tema.

Gonçalves Dias deixa sentir que seu trabalho, a que dá o título de "Meditação", terá as proporções de um livro. E aí está, no meu entender, o seu melhor cabedal de idéias na ordem social e política.

Só depois da morte de Gonçalves Dias, um amigo do poeta, o Dr. Antônio Henriques Leal, transferiria esse seu trabalho para a unidade de um livro, acrescentando-lhe ainda uma parte inédita, como texto da abertura do terceiro volume das Obras Póstumas do conterrâneo.

Imagina o poeta que um velho, estendendo a mão descarnada e lenta em sua direção, lhe toca nas pálpebras, que logo cintilam, dando-lhe a visão de um vasto império, que é o Brasil.

Agora, peço que redobrem de atenção para o trecho em que o mesmo ancião, depois de mostrar os homens de cor preta sangrando com os ferros que os manietam, sugere ao poeta que volva os olhos em redor de si: "E vi algumas cidades, vilas e aldeias disseminadas pela vasta extensão daquele império, como árvores raquíticas plantadas em deserto infrutífero./ E nessas cidades, vilas e aldeias havia um fervilhar de homens, velhos e crianças, correndo todos em direções diversas, e com rapidez diferente como homens carentes de juízo./ E as suas ruas eram tortuosas, estreitas, e mal calçadas, como obra da incúria, e as suas casas, baixas, feias e sem elegância não rivalizavam com a habitação dos castores."

Adiante, diz Gonçalves Dias, passando à acusação objetiva: "E nessas cidades, vilas e aldeias, nos seus cais, praças e chafarizes, vi somente escravos./ E à porta ou no interior dessas casas mal construídas e nesses palácios sem elegância — escravos! E no adro ou debaixo das naves dos templos, de costas para as imagens sagradas, sem temor, como sem respei-

to — escravos!/ E nas jangadas mal tecidas, e nas canoas de um só toro de madeira — escravos; e por toda parte — escravos!/ Por isso o estrangeiro que chega a algum porto do vasto império, consulta de novo a sua derrota e observa atentamente os astros, porque julga que um vento inimigo o levou às costas d'África./ E conhece por fim que está no Brasil, na terra da liberdade, na terra ataviada de primores e esclarecida por um céu estrelado e magnífico./ Mas grande parte da sua população é escrava, mas a sua riqueza consiste nos escravos, mas o sorriso, o deleite de seu comerciante, de seu agrícola, e o alimento de todos os seus habitantes é comprado à custa do sangue do escravo! E nos lábios do estrangeiro, que aporta ao Brasil, desponta um sorriso irônico e despeitoso, e ele diz consigo que a terra da escravidão não deve durar muito; porque ele é crente, e sabe que os homens são feitos do mesmo barro, sujeitos às mesmas dores e às mesmas necessidades.”

Vai ainda além o poeta, na veemência de seu protesto. O atraso brasileiro ele o atribui à escravidão: “E o escravo não pode ser arquiteto, porque a escravidão é mesquinha, e porque a arquitetura, filha do pensamento, é livre como o vento que varre a terra./ E o escravo será negligente e inerte, porque não lhe aproveitará o suor de seu rosto; porque a sua obra não será a recompensa do seu trabalho; porque a sua inteligência é limitada, e porque ele não tem amor à glória”.

Nenhum outro escritor brasileiro, antes de Gonçalves Dias, elevou uma voz tão firme na condenação do cativo da raça negra em nosso país. Daí ser necessário incluí-lo, com justiça, entre os advogados da Abolição — e com a circunstância de ser também uma voz pioneira. No seu tempo, ainda era tímida a palavra dos que se batiam pela grande causa. O poeta maranhense soube dar-lhe, na sua prosa de feição bíblica, um acento patético, que só muito depois seria retomado pelo verbo de Joaquim Nabuco e a poesia de Castro Alves.

De modo geral só se associa o nome de Gonçalves Dias ao indianismo romântico. Mestiço de condição, ele cantou como ninguém o selvagem americano, em alguns de seus mais belos poemas. Fiel à escola literária a que naturalmente se filiou, dada a consonância de seu gênio com a época em que viveu,

ele certamente o embelezou — mas também foi o intérprete de suas dores obscuras, de seu pendor à liberdade e de seus sentimentos de dignidade humana, exprimindo-lhe a amargura no desterro e a rebeldia na sujeição.

Paralelamente a essa linha romântica, Gonçalves Dias ergueu ainda a sua palavra de protesto diante da exterminação da raça indígena pelo colonizador português: “Então começou a luta sanguinolenta dos homens dominadores contra os homens que não queriam ser dominados, dos fortes contra os fracos, dos cultos contra os bárbaros./ Começou então a luta porfiada, que de Porto Seguro lavrou até à margem esquerda do Prata, e dali correu até às margens do Amazonas com a rapidez do ar empestado./ Ouvia-se de instante a instante o som profundo, cavernoso e agonizante de uma raça que desaparecia de sobre a face da terra./ E era horrível e pavoroso esse bradar de desespero como seria o de milhões de indivíduos que ao mesmo tempo se afundassem no oceano.”

Esse outro Gonçalves Dias, capaz de transformar em látego a sua pena de poeta lírico, está a reclamar a nossa atenção. Na veemência de sua revolta, ele parece mais perto de nós.

SONG OF THE EXILE *

JOSEPH MORGAN STOKES **

*In my country are palm-trees,
Where the sabiá always sings;
To birds that carol here in absence,
In me no answering rapture rings.*

* Versão de “A Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, preparada, segundo o autor, na noite de 30 de setembro de 1954, em Porto Alegre.

** J. M. Stokes foi o segundo Reitor do ITA. Suas qualidades de beletриста e seu espírito de organizador inquieto fizeram dele, também, o primeiro chefe do Departamento de Humanidades do ITA.

*Our sky far more star-points,
Our fields bear more flowers above,
Our woodlands have more heart-life,
Our heart-life has more love.*

*In musing, alone, at nightfall,
My own place more deep joy brings;
In my country there are palm-trees,
Where the sabiá always sings.*

*My land has more first-fruit
Than in other country springs;
In musing — alone, at nightfall —
My own place more deep joy brings;
In my country there are palm-trees,
Where the sabiá always sings.*

*God will not permit my down-drift
Until at home I fold my wings;
Until I may pluck that first-fruit
Which in no other country springs;
Until I once more may view those palm-trees
Where the sabiá always sings.*

CANÇÃO DO EXÍLIO

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá,
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

Coimbra, julho, 1943